

Tags: África, África Austral, Angola, espaço cívico, direitos humanos, sociedade civil, democracia, eleições

ENTREVISTA – 8 de setembro de 2022

ANGOLA: “As chances de uma verdadeira democracia em Angola são bastante baixas”

CIVICUS fala sobre as recentes eleições presidenciais e na Assembleia Nacional em Angola com Pascoal Baptistiny, Diretor Executivo da MBAKITA - Missão de Beneficência Agropecuária do Kubango, Inclusão, Tecnologias e Ambiente.

MBAKITA é uma organização da sociedade civil sediada na província do Cuando-Cubango, no Sul de Angola. Fundada em 2002, a organização defende os direitos dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, denuncia as discriminações contra esses grupos e a expropriação das suas terras e promove uma sociedade mais justa, democrática, participativa, tolerante, solidária, saudável e humana.



Qual foi o clima político no período que antecedeu as recentes eleições em Angola?

O clima político foi muito desfavorável, nada propício a eleições livres e justas. Angola já se caracterizava por fortes restrições no espaço cívico, e isto se agravou no período que antecedeu as eleições de 24 de agosto.

O espaço cívico foi durante muito tempo marcado por perseguição, intimidação, ameaças, prisões arbitrárias, assédio judicial, calúnia, difamação, censura, intolerância e assassinatos ordenados. Os protestos são frequentemente proibidos e reprimidos, às vezes com violência letal.

As restrições se tornaram mais rígidas antes das eleições e foram mantidas durante a votação e após as eleições para evitar manifestações em caso de suspeita de fraude. Polícia de Intervenção Rápida, Serviços de Informações Secretas do Estado, Polícia de Ordem Pública, Serviços de Migração e Estrangeiros, Polícia da Guarda de Fronteira, Serviços de Investigação Criminal e Procuradoria-Geral da República foram todos instalados nas ruas das 18 províncias de Angola.

Como a sociedade civil se mobilizou em torno da eleição?

No período que antecedeu a eleição, a oposição política e a sociedade civil tentaram protestar contra irregularidades no processo eleitoral e exigir tratamento igualitário de todos os partidos em competição, mas isso não lhes foi permitido. Um protesto organizado pelos partidos de oposição, incluindo a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), o principal partido da oposição, foi banido no final de julho, e outro, convocado pela sociedade civil uma semana antes da eleição, foi banido, e quando os manifestantes se reuniram independentemente disso, eles foram dispersos pela polícia.

A sociedade civil também forneceu educação cívica, trabalhou para criar consciência e mobilizar os eleitores, monitorou a campanha eleitoral, incluindo o acesso dos partidos ao tempo de transmissão e cobertura justa, e fez o melhor para observar a eleição, desde a abertura dos locais de votação até a contagem dos votos e a publicação dos resultados finais.

Até que ponto você acha que os resultados refletem a vontade do povo angolano?

Não creio que as eleições tenham sido livres ou justas porque a Comissão Nacional Eleitoral e a Corte Constitucional funcionaram como órgãos subordinados ao Estado-partido: o Movimento Popular de Libertação de Angola tem governado o país ininterruptamente desde 1975.

A eleição foi cheia de irregularidades que impediram a eleição de Adalberto Costa Júnior, da UNITA, garantindo, ao invés disso, a reeleição do atual presidente João Lourenço. É bastante revelador, no entanto, que o partido no poder tenha sido declarado o vencedor com o menor percentual de votos da história, 51%, comparado com 44% para a UNITA.

As chances de uma verdadeira democracia em Angola são bastante baixas devido ao nível de corrupção eleitoral praticado pelo partido-estado.

Durante as eleições, coordenei a Missão de Observação Eleitoral do Observatório Eleitoral Angolano, na província de Cuando-Cubango.

Os membros do MPLA tomaram conhecimento do meu trabalho de observação e das minhas críticas em relação à falta de integridade do processo eleitoral.

Após a eleição, falei com a CIVICUS sobre o que viria a ser esta entrevista. A entrevista obviamente ainda não havia sido publicada, mas os membros do partido governista de alguma forma sabiam dela e reagiram fortemente. Fui intimidado, recebi ameaças de morte e meu escritório e minha casa foram colocados sob vigilância. Em 4 de setembro, dois homens tentaram sequestrar minha filha de sete anos, tentando seduzi-la com biscoitos e doces; felizmente, alguns vizinhos notaram o que estava acontecendo e foram atrás deles para evitar que a levassem.

Que apoio a sociedade civil angolana precisa para poder continuar trabalhando em prol da democracia e dos direitos humanos?

A mudança democrática só será possível quando a comunidade internacional levar a sério a situação em Angola e contribuir para o estabelecimento de instituições que possam proporcionar verdade, justiça, transparência governamental e imparcialidade eleitoral.

Além desse investimento de longo prazo, também precisamos de ajuda imediata para garantir nossa segurança, para que possamos continuar a fazer nosso trabalho. Neste momento, eu pessoalmente preciso de apoio para deslocar temporariamente minha família para um lugar mais seguro em Angola.

O espaço cívico em Angola é classificado como “repressivo” pelo [CIVICUS Monitor](#).

Entre em contato com a MBACKITA através de sua página no [Facebook](#).